

## CONTAR HISTÓRIAS: A ARTE DE ENCANTAR, ESTRATÉGIAS E NUANCES NA FORMAÇÃO DOCENTE

Débora Araújo Leal.

*Universidade Estadual de Feira de Santana. delleal8@hotmail.com.*

### Resumo

Este trabalho apresenta conhecimentos elaborados a partir de uma pesquisa de caráter etnográfico com ênfase na autobiografia. Os conhecimentos construídos passam pela biografia de uma educadora e por estudos bibliográficos. Tem como objetivo geral o intuito de compreender a relação existente entre a arte de contar histórias e a formação docente. Foi adotada uma metodologia de cunho qualitativo, que tem como método a autobiografia. Constatou-se que a autobiografia é um estudo de experiências pessoais narradas ou escritas, em que pode ser utilizado diversos materiais e métodos de recolha, sendo assim agrupados em duas categorias: a variedade de documentos pessoais, tais como: cartas, fotografias diários e objetos pessoais, e as entrevistas pessoais que podem ser narradas ou escritas. No entanto é um gênero que se trabalha com a memória estabelecendo uma relação entre o passado e o presente, e por se tratar de história de vida, trabalha-se no campo da subjetividade, que possui uma relação estreita com a aprendizagem. Os sujeitos de pesquisa foram educadoras da Rede Pública de Feira de Santana-BA que fizeram um curso de extensão com o propósito de formar contadores de histórias, no qual apresentaram contribuições pertinentes para este estudo à medida que trouxeram narrativas escritas de suas experiências no qual vivenciaram a contação. Os conhecimentos adquiridos sobre a contação de histórias e a relação estabelecida entre professor e contador, foram de extrema importância para a compreensão deste estudo, pois traz aprendizados relevantes para a melhoria da formação docente, em que se constatou no resultado da pesquisa que o contador tende a ser um professor melhor.

**Palavras-chave:** Autobiografia, Contação de história, Formação docente.

### Introdução

Trago nesta introdução a retrospectiva da contação de história em minha trajetória relacionando com a prática pedagógica e com o curso de extensão promovido pela Universidade Estadual de Feira de Santana sobre Contação de Histórias. A minha infância foi marcada por muitas histórias. Lembro-me da minha professora às contando, e ao ouvi-la ficava encantada, aquilo me fazia viajar no mundo da imaginação, e cada vez que ela contava mais eu queria ouvi-la, lembro-me dos fantoches que ela usava as vozes engraçadas, aquilo me fazia apaixonar ainda mais por histórias. Fui crescendo e de alguma forma o encantamento me acompanhou. Recordo-me que eu imitava minha professora recontando suas histórias para minhas bonecas, por várias vezes minha mãe ia me vigiar verificar as minhas travessuras e lá estava eu, contando histórias.

Lembro-me da primeira vez que contei uma história fora do ambiente familiar. Na igreja em que eu frequentava, estava sendo realizada uma gincana, em que uma das provas era que cada equipe deveria contar uma história utilizando os objetos que estavam dispostos no cenário, e ganharia a equipe que desenvolvesse melhor sua história. Recordo-me que a história em que contei

era de uma família pobre, com muitos moradores na casa, na verdade com muitas crianças para sustentar, e eram aqueles meninos da barriga grande, não cheia de comida, mas de verme, e seus pais que lutavam para sustentar a família da forma que podiam...

No primeiro dia do curso de Contadores de Histórias, a professora trouxe um exercício de rememoração ao nos perguntar qual foi a primeira história que nós ouvimos quando éramos criança e quem havia contado. Não pude me recordar da pessoa que havia me contado, e nem a história que ouvi, mas me lembro muito bem que ela foi contada por fantoches, pelo menos pra mim eram eles, até um engraçadinho dizer que havia uma pessoa manuseando aqueles bonequinhos que até então para mim eram de verdade.

Durante minhas recordações passei a refletir sobre a importância de ouvir histórias, pois há uma dimensão educativa muito forte, que infelizmente não vejo ser aproveitada como poderia, e deveria ser aproveitada dentro do espaço escolar, não sei o que acontece, mas seja pela falta de conhecimento do corpo docente que constituem a escola, seja pela falta de interesse dos mesmos, mas o espaço do conto na escola, ainda é pouco ou inexistente. Nesse sentido há uma desvalorização da contação, como se não existe um objetivo específico em se trabalhar com essa temática, Abramovich (2001), ressalta que:

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar cara de aula... Porque se tiver deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser didática, que é outro departamento não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo. (Abramovich, 2001, p.17).

Então, fica evidente que existe sim, uma grande importância presente nas histórias, e no que tange a fase da infância, tempo em que se predomina a fantasia, a imaginação, a curiosidade, com isso é possível aproveitar esse período para se trabalhar com elas, contando muitas histórias. Barcellos e Neves (1995), afirmam que a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente, aprende a procurar, nos livros, novas histórias para o seu entretenimento.

Aquela função imaginativa produzida pela história que eu ouvir lá na minha infância reflete até hoje na minha vida adulta, e hoje ao entender mais sobre essa preciosidade e ao perceber a sua pouca utilidade, não só na escola, mas até mesmo por mim enquanto professora, vejo que preciso rever isso e esse é mais um dos motivos que me fazem querer aprender mais sobre a Contação de Histórias e o curso tem me ajudado, e acredito que tem muito a me ajudar, pois ainda quero aprender mais sobre essa temática. Sobre o educar na dimensão da função do imaginário Held (1979), ressalta que:

Educar é semear os grãos e a educação se faz a longo prazo (...) tudo o que concerne à formação do imaginário e da sensibilidade da criança, da inteligência também, é indissociável e só se manifesta a longo prazo. Quando levamos à criança os conhecimentos exatos, pode-se, por um exercício de avaliação medi-los, mas a formação de sua personalidade profunda não se pode medir. (Held, 1979, p. 363).

Dessa forma educar não é entendida como algo que é construído de imediato, é um trabalho que requer tempo, como uma plantação que precisa passar pelas diversas etapas que vai do semear os grãos, do regar a planta, acompanhar o crescimento, podando quando preciso, até a colheita e tudo isso é feito a longo prazo, assim é a educação, que passa por um processo de formação do indivíduo, requerendo um tempo necessário e indispensável para que cada um possa construí-la.

A escola onde leciono, tem na sua rotina a leitura do conto, que é feita todos os dias em todas as turmas pelas suas respectivas professoras. Acredito ser um momento importante, que precisa ser aproveitado de forma bem significativa, mas para isso é preciso pensar que existe estratégias que podem contribuir na sedução e no despertar do prazer de nossos alunos ao ouvir essas histórias.

Assim como as outras professoras eu não contava histórias eu as lia e depois mostrava as imagens, confesso que só aprendi distingui o ato de ler e contar, depois de ter feito uma pesquisa exploratória, para conhecer um pouco mais do tema de pesquisa, pois antes disso não conseguia perceber diferenças entre esses dois atos.

Pode parecer evidente, mas para mim não era, eu não diferenciava contar uma história de ler uma história e foi no curso de contadores que consegui fazer essa diferenciação, nesse sentido Matos (2005), ressalta a diferença entre ler e narrar, enfatizando que a palavra oral é diferente da palavra escrita, pois na oral privilegia-se a percepção auditiva, enquanto que na palavra escrita o centro está na percepção visual. Ressalta ainda que na hora de contar, o que se quer é uma interação próxima com o ouvinte, à linguagem cria-se com o grupo espontaneamente.

### **Metodologia**

Na abordagem (auto) biográfica, o objeto de estudo é o indivíduo, na sua singularidade. Desenvolver um trabalho de autobiografia é para mim algo novo, e compreendê-lo foi a parte essencial para desenvolver minha pesquisa. Não quero aqui me deter ao explicar do que se trata a autobiografia, mas considero pertinente abordar um pouco sobre esse gênero. Segundo Barros (2009):

Na autobiografia, a vida de um sujeito é narrada por ele mesmo. Ele recupera, por meio da escritura, o passado, o que está ausente. Isso só é possível na temporalidade da língua e não na temporalidade física, pois é a língua que permite falar sobre aquilo que não é. A

manipulação dos tempos linguísticos ajuda, então, a compor a narrativa do passado como memória presente. (Barros 2009, p. 537).

No entanto é um gênero que se trabalha com a memória estabelecendo uma relação entre o passado e o presente, e por se tratar de história de vida, trabalha-se no campo da subjetividade, que possui uma relação estreita com a aprendizagem. Sobre a teoria da subjetividade Rey (2003), afirma que a aprendizagem é vista como um processo da subjetividade, em que a subjetividade pessoal e a social caminham em conjunto.

Então, aprendizagem e subjetividade estão entrelaçados, em um processo em que se relacionam no campo do social e pessoal, e a autobiografia traz a subjetividade que incidem nas histórias de vida, trazendo um resultado qualitativo, em um processo desenvolvido com liberdade, que desperta um prazer extraordinário, o que permite construirmos um aprendizado muito significativo. Além da subjetividade, a reflexão também se faz presente num trabalho biográfico, pois ao mexer com nossas memórias, trazemos à tona o vivido, e à medida que relacionamos o passado com o presente, passamos naturalmente por um processo de reflexão, e nessa perspectiva o sujeito não fica na passividade, pelo contrário, ele atua como sujeito ativo, construindo assim o seu conhecimento. Sobre o gênero biográfico, Levi (1996), ressalta que:

A biografia constitui (...) o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem a historiografia. Muito já se debateu sobre esse tema, que concerne sobretudo às técnicas argumentativas utilizadas pelos historiadores. Livre dos entraves documentais, a literatura comporta uma infinidade de modelos e esquemas biográficos, que influenciaram amplamente os historiadores. Essa influência, em geral mais indireta do que direta, suscitou problemas, questões e esquemas psicológicos e comportamentais que puseram o historiador diante de obstáculos documentais muitas vezes intransponíveis: a propósito, por exemplo, dos atos e dos pensamentos da vida cotidiana, das dúvidas e das incertezas, do caráter fragmentário e dinâmico da identidade e dos momentos contraditórios de sua constituição. (Levi 1996, p.168-169).

Portanto, é possível claramente perceber que a subjetividade está presente na autobiografia, pois pensamento da vida cotidiana duvida incertezas que fazem parte de momentos reflexivos desse gênero, se constituem em documentos intransponíveis, contudo podem oferecer refinadas possibilidades cognitivas, o que confirma mais uma vez a relevância desse trabalho para um grande aprendizado.

É importante destacar que é um método que se pode ser utilizado em diversas formas para estudo, que segundo Queiroz (1988), é agrupado em duas categorias: a variedade de documentos pessoais; como cartas, fotografias, diários e objetos pessoais, e as entrevistas pessoais que podem ser narradas ou escritas. O trabalho com a contação de história se pauta em uma perspectiva



intimamente relacionada com o trabalho autobiográfico, pois ambos trazem dimensões educativas entrelaçadas com a experiência vivida, pois enquanto na contação, a história chega ao ouvinte de forma diferenciada em que o contador imprime a performance de acordo com as diferentes realidades observada em seu público, no método autobiográfico valoriza-se a compreensão das experiências vividas.

É possível destacar então, que é de extrema relevância o trabalho autobiográfico para a formação do ser, não apenas para adquirir conhecimentos na vida, mas para a vida, pois à medida que tecemos reflexões sobre nossas experiências, temos a oportunidade de encontrar sentido real para o nosso aprendizado, e isso também nos permite traçar novas estratégias sempre em busca de novos conhecimentos e sobre tudo na busca de uma formação mais sólida e consciente.

### **Resultados e discussões**

Foi utilizado como instrumento de pesquisa um questionário, no qual foi aplicado, com três educadoras que fizeram o curso de Contação de história. Este instrumento foi de grande relevância para esse trabalho, pois contribui para estabelecer relações entre a arte de contar histórias e a formação docente, de forma a revelar e/ou fortalecer a importância da contação de histórias.

O questionário foi dividido em três categorias: A primeira traz a relação existente entre o contador e as histórias na sua infância, a segunda trata da formação do contador de histórias e a terceira da relação entre esse contador e a formação do professor.

### **As histórias ouvidas na infância do contador de histórias: Do fundante a falta**

Na primeira categoria constatou-se que a história de alguma maneira acompanhou a infância desses contadores, pois ao rememorem suas infâncias revelaram que no âmbito familiar ou na escola tiveram a oportunidade tanto de ouvir, quanto de contar histórias, e em todos os questionários foi demonstrado o gosto inegável de ouvir histórias, e seu valor que se revela desde quando ouvida pela primeira vez. Sobre seu valor Abramovich (2001) afirma que:

As histórias têm como valor específico o desenvolvimento das idéias, e cada vez que elas são contadas acrescentam às crianças novos conhecimentos. O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar. (Abramovich, 2001, p. 23).

Então as histórias contribuem de forma significativa na construção do conhecimento das crianças, pois é capaz de trazer sempre que contadas ferramentas essenciais para construir novos aprendizados, pois desperta a curiosidade, o prazer, proporciona a construção do imaginário e tem também um papel importante na formação do ser. Nessa perspectiva, é possível verificar que as

respostas demonstraram que as histórias que mais marcaram foram aquelas que traziam consigo experiências vividas, aquelas que faziam parte da tradição da família, histórias peculiares da região daquele povo que compartilharam experiências...

Minha mãe, meu avô e minha avó sempre me contavam histórias de vida, o que me proporcionou um prazer e uma curiosidade em ouvir histórias do povo da região em que eles moravam e que trago comigo até os dias atuais. (BRANCA DE NEVE)

Sempre gostei da voz da minha mãe me contando histórias, ainda que fossem da vida dela de menina. (RAPUNZEL)

Meu pai sempre me contava histórias de Pedro Malazarte.(CHAPEUZINHO VERMELHO)

Nota-se então que essas respostas afirmam a importância da história que se transmite de geração à geração, e transmitem ensinamentos que se vinculam por elas. Nessa perspectiva Busatto (2006) enfatiza que:

Nós guardamos as palavras dos nossos antepassados dentro de nós há muito tempo, e continuamos passando-as para os nossos filhos... são elas que nos fazem ver e conhecer as coisas de longe, as coisas dos antigos. É o nosso estudo, o que nos ensina a sonhar. (Busatto, 2006, p. 10-11).

Então essa palavra transmitida entre as gerações, faz com que os filhos possam conhecer as histórias antigas, as coisas de outro tempo o que traz a possibilidade de trazer “à tona” experiências valiosas que podem servir como ensinamentos para a vida.

Vale ressaltar que nem todas as histórias precisam ser vivenciadas por quem as conta, afinal quem conta, guarda na memória também o que lhes foi contado um dia, são histórias que podem vir de outros tempos de outros povos, mas que se perpetuam e transmitem ensinamentos preciosos. Benjamin (1994):

Sabia-se muito bem o que era experiência: as pessoas mais velhas sempre a passavam aos mais jovens. De forma concisa, com a autoridade da idade, em provérbios; ou de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; ou ainda através de narrativas de países estrangeiros, junto à lareira, diante de filhos e netos. (Benjamin 1994, p. 115).

Assim é possível notar que a contação envolve a troca de experiências, sendo ferramenta indispensável no processo de produzir cultura e construir conhecimento. Benjamin (1994, p. 201) salienta que “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. Para analisar se existe um contador dentro de cada um de nós, ou seja, se todos podem ser contadores, ou se o contador de histórias já nasce um contador, foi questionado aos estudantes se eles acreditavam que desde criança já possuíam habilidades para narrar histórias e as respostas foram divergentes:



Acredito que sim. Sempre gostei muito de falar, ao conversar e contar casos sempre coloquei ênfase na narrativa, acredito que isso esteja relacionado à habilidade em narrar histórias. (BRANCA DE NEVE)

Eu nunca me imaginei contadora de histórias. (RAPUNZEL)

Eu não contava histórias, apenas escutava, pois era muito tímida para me aventurar a contar. (CHAPEUZINHO VERMELHO)

Diante das respostas é possível notar que nem todas já possuíam a habilidade de narrar, e sobre essa arte Busatto (2006), traz considerações que caracteriza a narrativa enquanto arte que se desenvolve ao vivo, em que o presente marca a característica do tempo, onde é destinado pelo sincronismo entre as ações do narrador e as respostas de seus ouvintes. Nas palavras de Busatto (2006, p. 96-97), “emissor e receptor são envolvidos pela atmosfera de cumplicidade”. Dessa forma observa-se que é preciso ter arte de improvisação, pois se a narrativa é conduzida pela interação entre contador e ouvinte, este contador precisa ter habilidade criadora, sensibilidade de perceber como conduzir o conto, e isso exige uma performance ágil.

### **A formação do contador de histórias: Do desejo ao curso conta comigo**

Na segunda categoria de análise em que traz a formação do contador, foi possível verificar que o desejo pelo curso de formação de contadores, se deu tanto pelo fato de gostar de histórias, quanto pelo desejo de aperfeiçoar a maneira de contá-las, mas principalmente por acreditar que iria acrescentar algo de bom na formação docente e ao serem questionados acerca do que é preciso possuir para se constituir um contador de histórias, eles responderam:

Conhecimentos sobre o que é ser um contador, saber diferenciar a leitura e a contação, buscar técnicas para saber contar, montar o seu repertório a partir de histórias que te marcaram e acima de tudo amar a arte de contar histórias e se entregar nesse mundo encantador. (BRANCA DE NEVE)

Acredito que para ser um contador de histórias, você precisa tornar a fala e os gestos, instrumentos de encantamento. (RAPUNZEL)

Postura corporal, voz audível, amor pela história que está sendo contada e segurança ao contar. (CHAPEUZINHO VERMELHO)

É possível constatar que todas as respostas apontam alguns artifícios utilizados pelos contadores de histórias, a resposta de “Branca de neve”, ressalta algumas técnicas que um contador precisa ter, e dentre elas cita a diferenciação entre ler e contar, e nessa perspectiva de encontro entre o homem e a linguagem oral.

Tanto “Branca de Neve”, quanto chapeuzinho, ressalta que a história precisa marcar o contador, ou seja precisa tocá-lo de alguma forma, e nesse sentido, Café (2005), Matos (2005) e

Busatto (2006), concordam ao afirmarem que o contador deve gostar da história que se disponibiliza a estudar e narrar, porque ele precisa acreditar no conto que está contando, ver a história acontecer, precisa sentir por inteiro, para poder expressá-lo, e assim atuar doando todo o seu corpo, dando ao seu ouvinte a possibilidade de ver e criar as suas imagens. Isso fica bem evidente na fala de Busatto (2006), quando afirma que:

Cada narrador imprime sua personalidade ao conto, priorizando passagens que mais lhe impressionam, reforçando alguma imagem que lhe toca de uma maneira especial, uma intenção que considera primordial, e isto é natural, se pensarmos na narrativa como uma atividade dinâmica que atua sobre os diferentes níveis de realidade. (Busatto, 2006, p. 30).

Então para ser um contador não basta apenas narrar uma história, ele precisa encantar seu público utilizando dos diversos artifícios que julgarem pertinentes, dispondo de criatividade, improvisação, recursos sonoros, visuais, gestos, enfim recursos que venham enriquecer a contação, consoante a toda essa arte.

Ao serem questionados sobre o que podem aprender com o contador de histórias os entrevistados responderam que:

Que ele é capaz de tocar o outro ao contar a história e que o ouvinte é a vela do seu barco, é ele quem sopra o sentido que você deve seguir ao contar uma história. Aprendi que o contador não é uma pessoa física, não é você em si, é o seu corpo e a sua voz sendo emprestados para aquela história que encantam as pessoas. (BRANCA DE NEVE)

Eu aprendo a escuta e o respeito pela tradição, pelo que é raiz, que nos torna pertencente de lugares e vivências diversas. (RAPUNZEL)

Aprendo a atrair a atenção dos ouvintes através de recitação, acalanto, e usar a voz de maneira a ter os ouvintes presos à história que está contando. (CHAPEUZINHO VERMELHO)

Analisando as respostas é possível notar de uma maneira geral que todas afirmam que podem aprender com o contador de histórias e apontam essas habilidades: a arte de prender a atenção do ouvinte e a sintonia de troca, a sensibilidade para conduzir o conto atendendo ao seu público, o emprestar do seu corpo para dar a voz a história, e o respeito pela tradição oral.

Zumthor (2000), sobre a relação de troca entre contador e ouvinte traz que quando o contador vibra provoca no ouvinte um estado de estabilidade, em que este se integra ao que lhe é próprio, à sua particularidade, e nessa sintonia o ouvinte também vibra no seu corpo e na sua alma. O conhecimento de performance ocasiona o comparecimento de um corpo (Zumthor, 2000). Vale ressaltar que para o contador que está narrando, o conto é para ele como uma consumação de seu anseio, pois é através dele que o narrador prende sua plateia.



## **A contação de histórias na formação do professor: O que se ganha enquanto se narra?**

A terceira e última categoria traz a análise do que o professor ganha quando este se torna um contador. Diante da pergunta sobre qual a dimensão educativa que existe na contação de história foi respondida o seguinte:

Todas possíveis. A contação de história contribui para a imaginação do sujeito, quando estamos realizando essa arte, estamos fazendo com que os indivíduos possam imaginar e se colocar no lugar dos personagens, na verdade de forma inconsciente os personagens falam por nós e nos respondem muitos questionamentos que fazemos acerca da vida. (BRANCA DE NEVE)

Com uma história podemos trabalhar oralidade, noções temporais, musicalidade, gestos, além disso, o respeito pela escuta e o encantamento que as histórias provocam. (RAPUNZEL)

Toda história tem um ensinamento, mesmo que não esteja claro (CHAPEUZINHO VERMELHO)

Constata-se através dos dados acima que todas enxergam na contação possibilidades educativas, uma delas é suscitar o imaginário, que segundo Machado (2004) :

Se admitirmos que o poder básico da imaginação é o de configurar significações, é mais difícil perceber que sua função primordial é configurar significações, responsáveis por um genuíno e pessoal processo de aprendizagem. (Machado, 2004, p. 31).

Portanto, as fundamentais contribuições da contação de histórias para processos pedagógicos é a promoção do imaginário e o lidar com a palavra, uma palavra que incita bons ouvintes e, conseqüentemente, bons falantes. Para Matos (2005), o desenvolvimento de leitores vem depois, naturalmente, como consequência, resultado do “relacionamento do indivíduo com as várias formas de expressão da palavra”, sendo disseminada no solo da imaginação, trazendo assim ao ouvinte a oportunidade de vivenciar a palavra oral.

Constata-se então a inegável dimensão educativa presente na contação pois a análise dos dados mostra que são muitas as possibilidades de aprendizado: que além de suscitar o imaginário, trabalha-se com o respeito pela escuta, forma antes de bons leitores bons falantes, mas acima de tudo resgata valores para a vida.

Ao trazerem os relatos de como foi a experiência de contar uma história no curso, de forma a não perder o seu “esqueleto”, ou seja, a sua essência, as respostas de uma maneira geral demonstraram que só foi possível contar sem perder a essência após terem estudado bastante a história, pois absorvendo o seu sentido, foi possível conduzi-la de maneira mais tranquila. Nesse sentido Matos (2007, p. 18) enfatiza que “Em nosso caso, propomos uma leitura que busque apreender, através de sua linguagem simbólica, o sentido mais profundo do conto”.



Ao estabelecerem relação entre o contador e a profissão docente, e o que pode ser aproveitado desta relação para desenvolver um melhor trabalho em sala de aula, os entrevistados responderam:

A relação que estabeleço é que enquanto professor docente, posso ser também um contador de histórias. Nas aulas e em outros momentos de aprendizagem podemos utilizar a contação de história como um instrumento de ensinamento que virá a contribuir para o desenvolvimento dos sujeitos, e me constituindo um contador eu posso me tornar um melhor professor pois a partir do momento em que deixo de ser um leitor de histórias e passo a ser um contador de histórias, posso ter um diferencial na vida dos alunos. O momento de leitura substituído pela contação irá trabalhar ainda mais a imaginação do sujeito e sempre será finalizado com um gostinho de quero mais, o que por consequência virá a contribuir na formação destes no âmbito pessoal e educacional. (BRANCA DE NEVE)

A fala pra mim é o que mais me vem à mente, pois ambos utilizam da fala para seduzir e com certeza sendo professora contadora posso fazer um trabalho diferenciado de voz, e as manobras que o contador faz diante das diversas situações em que este vivencia na contação serve como exemplo para mim, e contribuem para que eu possa ser mais criativa no meu trabalho como professora. (RAPUNZEL)

O professor ao transmitir conhecimento diversos, faz também um papel de contador à medida que também estabelece com seus alunos uma relação de troca, que precisa de uma sintonia e um olhar sensível à realidade desse aluno, e diante disso sendo uma professora contadora só tenho a ganhar com tantos artifícios, seja na maneira de impostar a voz durante as aulas, seja nos gestos e objetos que posso utilizar para chamar a atenção, e isso posso fazer com qualquer disciplina. (CHAPEUZINHO VERMELHO)

Sobre essa relação entre professor e contador Ramos (2005), pontua que “o professor tem que ter sensibilidade”, como o contador de histórias, de perceber qual o nível de abstração daquela turma. Então assim como o contador precisa desenvolver essa sensibilidade de perceber se seu ouvinte está inteirado com a história que está sendo contada assim também o professor precisa perceber a interação de seus alunos nas aulas.

Então o poder de sedução é um dos pontos de encontro entre o contador e o professor, que precisa encantar seus ouvintes para fazer passar a informação e construir conhecimento. Outro aspecto apontado por Matos (2005) é que tanto o professor quanto o professor precisam acreditar no que dizem, assim podem transmitir com firmeza a sua palavra e constituir o grupo em torno da mesma.

O professor pode também através do conto desenvolver um senso crítico em seus alunos, pois de acordo com Matos (2005), o professor precisa ter consciência que o conto transmite ideologias da época em que foi lançado, e diante desse aspecto, deve-se abranger e debater com os alunos. E nesse momento que o surgimento da criticidade do aluno pode ser incitado pelo professor, quando este propõe questionamentos sobre as opções seguidas pelos personagens.

Diante dos dados obtidos pelas respostas e os autores citados, conclui-se então que o professor pode aprender muito com os contadores de histórias e pode utilizar com seus alunos algumas técnicas adotadas pelo contador afim de alcançar dos seus alunos um aprendizado mais significativo, com uma aula mais dinâmica e envolvente.

## **Conclusões**

Diante da pesquisa foi possível concluir que todos podem se constituir contadores, mas não basta apenas se dispor, é preciso muito estudo teórico, desenvolver as técnicas necessárias de um contador, muito treino e principalmente se entregar de corpo e alma para a contação. Então contar é um trabalho que precisa de entrega, é todo um conjunto de artifícios que são utilizados, com o intuito de trazer uma relação de troca com o ouvinte, o que envolve uma performance toda especial, a voz, o olhar, o gesto, a sensibilidade na escuta, enfim, não é um simples trabalho.

Ao contar histórias, propiciamos ricas aprendizagens para nossos alunos, que não se limita apenas no despertar do imaginário, mas perpassa pelo trabalho com a oralidade, a produção de cultura à medida que propicia troca de experiências onde o ouvinte também constrói o texto, desenvolve o respeito pela escuta, educa a atenção, amplia o vocabulário, mas para além de todos esses aprendizados a contação de histórias, especificamente os contos de tradição oral, traz ensinamentos que são para a vida, que se transmite de geração em geração e perpetua o poder da palavra oral de nossos antepassados, o que traz a valorização da mesma, algo muito importante no que tange a humanização, imprescindível à qualquer formação do ser.

Constatai que o professor tende a ser um professor melhor quando este se torna um contador, pois assim como o contador precisa conquistar o interesse de seu público para ouvir e interagir com a história contada, assim também o professor precisa despertar o desejo de seus alunos nas suas aulas e para isso pode aprender algumas técnicas com o contador, que dentre algumas apresentadas: imprimir um olhar sensível sobre a realidade do grupo e trabalhar trazendo as experiências de vida, permitir a interação dos alunos numa dinâmica de escuta e respeito ao outro, desenvolver a criticidade de seus ouvintes à medida que expõem suas opiniões, trabalhar com a voz, gestos e objetos de forma a atrair a atenção, ser dinâmico e criativo, enfim ser um professor contador é ter a oportunidade de enriquecer o seu trabalho na sala de aula e propiciar momentos ricos de aprendizados não apenas contando histórias, mas também ensinando as diversas disciplinas ligadas à área do conhecimento.

## Referências

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil- **Gostosuras e bobices**. 2ª ed. São Paulo, 1991;

BARROS, M.L.P. **Tempo e Memória**. Alfa, São Paulo, v.53, n.2, 2009;

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e Técnica, Arte e Poética**. Ensaios sobre literatura e História da Cultura. São Paulo: Brasiliense 1994;

BARCELLOS, Gládis M. F.; NEVES, Iara C. B. **Hora do conto: da fantasia ao prazer de ler**. Porto Alegre: Sagra – D.C. Luzzato, 1995;

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006;

CAFÉ, Ângela Barcellos. **Dos contadores de história e das histórias dos contadores**. Goiânia: Editora UFG, 2005;

GONZÁLEZ REY, F. La subjetividad: susignificación para lá ciência psicológica. In: FURTADO, O.; GONZÁLEZ REY, F. L. (orgs.) **Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003;

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Summus, 1980;

LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: M.M. FERREIRA e J. AMADO (orgs), **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996;

MATOS, Gislayne Avelar. **A Palavra do Contador de Histórias**. São Paulo: Martins Fontes. 2005;

QUEIROZ, M.I. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON (Org.). **Experimento com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988;

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. HUC/TEC, 1997.